



UNIVERSITÀ DI PISA



GUIA DE LEITURA:
BENEDETTO CROCE
ASPECTOS MORAES DA VIDA POLITICA

CHIARA MORLEO E ALICE CATALANO
UNIVERSIDADE DE PISA
ITÁLIA

1. BIOGRAFIA DO AUTOR

Filósofo liberal e antifascista, historiador e crítico literário, Benedetto Croce¹ nasceu em Pescasseroli em 1866. Ao princípio dedica-se aos estudos de Direito, que depois deixará para dedicar-se à literatura e participar ativamente na vida política. Foi Senador desde 1910 e Ministro da Educação junto a Giolitti em 1920-21. Numa primeira fase da sua vida liga-se aos ideais fascistas, dos quais se afasta progressivamente, dedicando-se à redação do *Manifesto degli intellettuali antifascisti*, em resposta ao *Manifesto degli intellettuali fascisti* fundado por Giovanni Gentile. Em 1921 publica o seu primeiro livro de filosofia *Materialismo storico ed economia marxistica*. Com a caída do fascismo, Croce julga que o País deve seguir em frente e fechar aquela que ele considera um parêntese na história da Itália e lutar pela liberdade. É precisamente depois da queda do regime, em 1943, que Croce reconstrói o Partido Liberal Italiano com Luigi Einaudi.

Em 1947 foi nomeado sócio honorário da Accademia dei Lincei. No mesmo ano funda em Napoli o Instituto italiano para os Estudos Históricos, à disposição do qual põe a sua biblioteca pessoal, provavelmente a mais importante biblioteca privada da Itália.

A actividade de Croce pode ser dividida em três fases. A primeira em que se dedica ao estudo do marxismo e de Hegel, e também aos estudos históricos e literários. Interessa-se sobretudo por Goethe, Dante, Ariosto e Shakespeare. Numa segunda fase os seus interesses mudam debruçando-se sobre as filosofias sistemáticas, para depois dedicar-se ao aprofundamento teórico da *filosofia do espírito* em chave historicista na última fase da sua vida. Morre em Napoli em 1952.

2. ASPECTOS MORAES DA VIDA POLITICA

Em *Aspectos Moraes da Vida Política* publicada pela editora Laterza & Figli, em 1928, Croce define e distingue os conceitos de *liberismo* e *liberalismo*: o *liberismo económico* como doutrina económica, ligado só à liberdade e condição económica; o *liberalismo* como doutrina política, um princípio ético-político, determinado desde os eventos históricos, que pertence a uma esfera diferente, superior, cujo fim primário é

¹ Ver TRECCANI, voz *Benedetto Croce*, em *Enciclopedia Treccani, Lessico universale italiano*, Vol. 5, Arti Grafiche Marchesi, Roma, 1970, pp. 652-653.



UNIVERSITÀ DI PISA



proteger os direitos naturais do homem e, como o *liberismo*, é definido «regra ou lei suprema da vida social²». Segundo Croce, quando estas duas doutrinas são postas ao mesmo nível gera-se um conflito porque «Duas leis de igual grau e relativas á mesma materia são, evidentemente, muita cousa; ha uma demais³». O *liberismo económico* tem de ser, portanto, logicamente subordinado ao *liberalismo* como doutrina ético-política.

No primeiro capítulo, *O Presuposto Philosophico da Concepção Liberal*, Croce aprofunda o conceito de liberdade, definindo-a como «o momento da liberdade como necessario a todas as formas de vida e inseparavel do proprio momento da autoridade⁴». Redefine também o conceito de liberalismo, já tratado na obra *Elementi di politica*, e passa a considerá-lo, não como um simples partido entre os partidos mas como um princípio ético-político, colocando-o numa dimensão superior.

Na sua obra mostra como «o inimigo directo» do *liberalismo* é o autoritarismo, porque o primeiro deixa o espaço à natural autoregulação das coisas, enquanto a concepção autoritária prevê leis dictadas e vias preestabelecidas. O autoritarismo, segundo Croce, é uma concepção moralmente inferior e com pressupostos inferiores em respeito ao *liberalismo* e, è por isso que vê a concepção liberal como sua directa inimiga, da qual tem medo e che tenta de vencer com todos os meios que tem à sua disposição.

O *liberalismo* crociano opõe-se, também, ao socialismo. Se é verdade que o *liberalismo* não vai contra os princípios socialistas do melhoramento da condição humana e do melhoramento da classe operária e dos trabalhadores em geral, opõe-se este pela inevitável inclinação do socialismo a «suffocar a variedade das tendencias. os desenvolvimentos espontaneos e a formação da personalidade⁵».

Croce põe também em evidência as diferenças que há entre o *liberalismo* e o democraticismo. Para o autor o *liberalismo* afasta-se do democratismo porque este último idolatra a igualdade em maneira mecânica, atravessando desta maneira a via do autoritarismo e dirigindo-se assim para a imobilidade e a transcendência, é ou contém assim o socialismo. Conflui de facto com este, porque se opõe a outras formas de autoridade, e é neste caso que o democraticismo tem um aspecto liberal.

Notáveis são também as considerações que Croce faz sobre a *revolução*, afirmando que «somente os movimentos liberaes produzem verdadeiras e legitimas revoluções⁶» e que, se por acaso um regime autoritário fosse tombado, não poderia renascer como era antes. O estado liberal, pelo contrário é o único capaz de ressurgir, mas não se trata de uma verdadeira resurreção dado que o estado liberal nunca morre, trata-se sim de uma renovação, uma restauração.

O capítulo conclui com a ideia de que a concepção liberal é algo de moderno, algo que era desconhecido no mundo antigo e medieval, em que a liberdade era um direito do cidadão ou um privilégio

² B. CROCE, *Aspectos Moraes da Vida Política*, Athena Editora, Rio de Janeiro, 1935, p. 48.

³ *Ibidem*.

⁴ *Ibidem*, p. 15.

⁵ *Ibidem*. p. 20.

⁶ *Ibidem*. p. 22.



UNIVERSITÀ DI PISA



das classes mais ricas. Por tanto trata-se de uma liberdade ilusória porque «garantida pelas lei e pelo contracto⁷».

Mais adiante, o autor redefine o conceito de *burguês* fazendo alusão, com este termo, a uma personalidade espiritual, um sujeito moral, tomando as distância do termo com referência a um sujeito jurídico e económico ou simplesmente como distância social.

Na sua obra Croce desenvolve outros temas, como a eterna luta entre o Estado e a Igreja, o conceito de justiça internacional e, para concluir o pessimismo histórico; uma sombra que esvoaça sobre o indivíduo e sobre a inteira sociedade, disseminando medo e desespero em todas as época, e que despedaçava a Europa nos tempos de Croce. Este estado de pessimismo só pode dar vida àquela que Croce chama "triste literatura". Quando o indivíduo está oprimido por um governo representado por pessoas que defendem só os próprios interesses, é normal que se desenvolva em si um sentimento de impotência. Portanto, o homem está forçado a refugiar-se na esperança de um futuro melhor, mas também a esperança se revela um sentimento vão e ilusório porque depende de outros e não de nós mesmos. Ao homem fica que aprender desde a história: os mesmos eventos podem reviver-se, se não na mesma maneira, pelo menos em modo análogo. Nunca se deveria deixar de olhar para o passado para poder construir um futuro melhor⁸.

3. O DEBATE CROCE-EINÀUDI

Luigi Einaudi⁹, economista e político, nascido em Carrù em 1874, é considerado junto a Croce o pai do liberalismo italiano. Foi Presidente da [República Italiana](#) desde 1948 até 1955, cargo no qual se distinguiu pela sua exatidão constitucional. Ensinou Ciência das Finanças na Universidade de Torino e colaborou com *La Stampa* e com o [Corriere della Sera](#). Tem também dirigido a Rivista di storia economica, fundada em 1936, que se ocupava de história económica italiana, europeia e extraeuropeia e que se baseava sobre a ideia segundo a qual, o enfraquecimento das relações entre a economia e a história poderia levar ao empobrecimento de ambas as disciplinas.

Põe-se contra ao fascismo em favor do federalismo europeu. Em Setembro de 1943 foi obrigado a refugiar-se na Suécia, mas nunca parou a sua actividade antifascista, continuando a manter relações com muitos intelectuais que se opunham ao regime. Em Dezembro de 1944 volta para Itália onde entrou a fazer parte do Conselho de Estado. Foi governador do Banco de Itália e, mesmo se por pouco tempo, foi presidente do Instituto da Enciclopédia Italiana. Depois de 1955 voltou a dedicar-se à vida parlamentar e publicística. Morre em Roma em 1961.

Célebre é a discussão que nasce entre Croce e Einaudi a propósito das relações entre *liberismo* e *liberalismo*. Para aprofundar o tema aconselha-se a leitura da obra *Liberismo e Liberalismo*, ao cuidado de Paolo Solari, publicada pela editora Riccardo Ricciardi em 1957. A obra é uma antologia que envolve em si, não só textos relativos ao debate Croce-Einaudi mas, todos aqueles relativos ao tema.

⁷ *Ibidem.* p. 24.

⁸ B. CROCE, *op. cit.*, p. 95.

⁹ Ver TRECCANI, voz *Luigi Einaudi*, *op.cit.*, Vol.7, p. 717.



UNIVERSITÀ DI PISA



Esta antologia contém as considerações que Einàudi faz, no seu artigo de 1928, *Il buongoverno*, sobre algumas teorias de Croce exprimida nas obras *Aspetti Morali della Vita Politica*, *La concezione liberale della vita* e em *Liberismo e Liberalismo*.

Luigi Einàudi concorda com Croce em considerar o *liberismo* como «un concetto inferiore e subordinato a quello del liberalismo¹⁰», portanto o *liberismo* é a tradução empírica de um *liberalismo* que era aplicado a problemas concretos como os económicos.

O debate Croce-Einàudi assenta na distinção que Croce faz entre *liberalismo* e *liberismo* e sobre a diferença de valor e de prioridade que dá a um e ao outro. O *liberalismo* crociano, para fazer em maneira que se realize a ideia de liberdade, deve servir-se de todos os meios que naquela altura são considerados os mais idóneos, ao desbarato também daquelas que podem ser as ideias *liberistas*. Para Croce não existem ideias que estão ligadas ao bem público ou à distribuição das riquezas. A sua aproximação é simplesmente filosófica, ao ponto que os bens e a produção dos bens valem se se transformarem para instrumentos de elevação humana.

Einàudi, considera Croce o seu mestre, mas apresenta algumas diferenças respeito àquelas que são as ideias liberais de Croce. Ele não considera a liberdade como aquela coisa que deriva, como acontece frequentemente no curso da história, desde a luta entre o bem e o mal; ele considera a liberdade como algo de concreto, não como uma ideia ou um conceito, mas como o desejo de conhecer as necessidades da vida real, sempre balanceadas por sistemas institucionais que previnem a violência, a fraude, e a tirania.

A liberdade, para Einàudi, alcança-se concretamente nas dimensões sociais e económicas. Particularmente, ele acha que o liberalismo económico envolve o liberalismo ético-político e o liberalismo ético-político envolve o liberalismo económico, o liberismo, e que, este último termo, não contamina e não ofende os valores e os sentimentos morais, ou melhor, revela aquelas que são as reais necessidades da sociedade sem as quais a liberdade não pode ser alcançada.

Einàudi utiliza palavras muito fortes relativamente aos economistas, acusando-os de não tomar posição em favor ou contra a grande ou meia propriedade, e a grande ou pequena indústria. Além disso, acusa-os de não saber quais destas soluções seja a mais adequada para o alcance do fim. Ninguém entre os economistas, diz Einàudi, faz algo para resolver um problema de tipo económico qualquer, fazendo apelo àquilo que, para estes, é o princípio económico liberístico (regra do deixar fazer e deixar passar). Esta posição de Einàudi não pode ser aceite, de facto uma solução liberística nem sempre é a solução económica. Classificar aqueles que são os fins por alcançar para encontrar a melhor solução económica não é um dever dos economistas, mas de quem está mais acima deles. E como diz Croce, relativamente a quem tem de tomar estas decisões, ele «non può accettare che beni siano soltanto quelli che soddisfano il libito individuale, e ricchezza solo l'accumulamento di mezzi a tal fine; e, più esattamente, non può accettare addirittura, che questi siano beni e ricchezza, se tutti non si pieghino a strumenti di elevazione umana¹¹».

¹⁰ B. CROCE e L. EINÀUDI, *Liberismo e Liberalismo*, ao cuidado de Paolo Solari, Riccardo Ricciardi, Nápoles, 1957, p. 131.

¹¹ *Ibidem*, p. 132.



UNIVERSITÀ DI PISA



É aqui que, para Einàudi, tem de intervir o economista para tentar procurar a melhor solução económica para o alcance dos fins. A solução pode não ser a mais barata mas tem de levar ao alcance da máxima elevação humana. A este propósito Einàudi cita uma célebre frase de Adam Smith «la difesa di una nazione è di gran lunga più importante della sua opulenza¹²».

O *liberismo* de Einàudi dá muita importância às lutas e aos movimentos operários, porque aquilo a que quer chegar o *liberalismo* é a sua difusão em todas as classes sociais e não só aquelas ricas. Portanto, segundo as ideias liberais, não há nada de errado no desejo dos trabalhadores de defender os próprios direitos e na tentativa deles de mudar as coisas.

Em conclusão, Einàudi julga que o *liberalismo* possa desenvolver-se em contextos que estão disponíveis em mudar, disponíveis em perder as tradicionais configurações relativamente à estabilidade do trabalho e das propriedades, para fazer em maneira que as classes médias possam perder os limites de classes, os quais retêm estas últimas numa situação de imobilidade, que não permite um verdadeiro e próprio dinamismo social.

4. DIFERENÇAS EDITORIAIS

A obra de Benedetto Croce, *Aspetti Morali della Vita Politica: appendice agli elementi di politica*, foi traduzida em língua portuguesa em 1935, com o título *Aspectos Moraes da Vida Política*, por uma editora brasileira¹³. O nome da editora é Athena (Atena, depois da reforma ortográfica em 1942), fundada em 1935 pelo economista italiano Pasquale Petraccone, originário de Potenza mas emigrado no Brasil em 1926 com o advento do fascismo. As informações a respeito do seu trabalho na editora são insuficientes e outro tanto aquelas sobre Athena. Para a tradutora Denise Bottmann, a editora tinha, num primeiro momento, colocação no Rio de Janeiro, portanto a mesma cidade em que se imprime a obra de Croce; em seguida, a editora vai mudar para São Paulo¹⁴.

Desde o seu primeiro dia de atividade, Athena de qualquer modo se empenhou em imprimir obras clássicas, que pertenciam à história da cultura universal e traduzir os nomes mais significativos, os quais Demóstene, Petrónio, Plutarco, Dante, Erasmo, Maquiavel, Shakespeare, Molière, Racine, Rousseau, Voltaire, Diderot, Spinoza, Hegel, Baudelaire e outros. Além, outros estudos revelam que Athena em 1937 foi classificada como uma editora de médio porte que produziu até setenta mil exemplares¹⁵.

A tradução da obra de Croce, ao contrário da versão original italiana, oferece um prefácio firmada por Libero Battistelli, onde Croce é apresentado como aquele que considera a filosofia vida. Tenta-se portanto, em tal prefácio, de educar o público estrangeiro para conhecer vários conceitos, quais são o *liberalismo*, entendido como conceção filosófica e não como simples ciência política, e sublinhando como no

¹² *Ibidem*.

¹³ A mesma editora ocupou-se também de outras duas obras de Croce e traduziu *Breviario di estetica: quattro lezioni*, Bari, Laterza & Figli, 1913 e *Orientamenti: piccoli saggi di filosofia politica*, Gilardi e Noto, Milão, 1934.

¹⁴ Ver D. BOTTMANN, *Uma vinheta*, em <http://seer.bce.unb.br/index.php/traduzires/article/view/8048/6118>.

¹⁵ *Ibidem*, p. 33.



UNIVERSITÀ DI PISA



curso do tempo e nos diversos países muitos partidos arrogaram-se o título de *liberais*, nem que estivessem longínquos da verdadeira essência do *liberalismo*.

Temos poucas referências biográfica de Libero Battistelli¹⁶: sabemos que nasce em Bolonha em 1893, torna-se um excelente advogado e anuncia ficar republicano de esquerda. Em 1927, após sofrer agressão por parte dos fascistas, Battistelli emigra primeiro em França e depois no Brasil. Ele foi entre os primeiros a aderir à *Giustizia e Libertà*, um movimento político liberal-socialista fundado em agosto de 1929 na capital francesa por um grupo de exilados antifascistas em que aparece como líder Carlo Rosselli, o pai da escritora italiana Amelia Rosselli, morto em 1937 pelos homens do regime fascista.

Em 1936, Battistelli vai a Espanha para participar à Guerra Civil espanhola, tomando primeiro o comando duma bateria de artilharia e, num segundo momento, depois de se transferir a Madrid, o comando do primeiro batalhão da turma Garibaldi. Em seguida fere-se durante um combate e o republicano vai levado ao hospital de Barcelona onde morre em 1937. Deixa numerosos escritos¹⁷. No seu testamento laico pode-se ler, referindo-se à sua esposa «se incontra un compagno degno, non esiti a rimaritarsi [...]. Sia fedele alle mie idee, che ella conosce. È l'unica fedeltà che mi stia a cuore¹⁸».

Depois do prefácio, na versão da língua portuguesa há uma anotação de Benedetto Croce que antes de recorrer ao leitor de ultramar e portanto sublinhar a importância de algumas ideias políticas e morais, agradece Petraccone, já mencionado anteriormente, «nome que me è caro, porque me ricorda o meu jovem amigo Enzo Petraccone¹⁹».

Uma obra, como aquela de Croce, que difundia ideias revolucionárias e liberais, não podia ser traduzida em Portugal, no estado de Salazar onde desde 1933 estava um regime de tipo fascista, o suposto «Estado Novo» que não deixava espaço à circulação de ideias liberais. A obra do liberal italiano então surge no Brasil e não na Europa, como demonstração da repressão do liberalismo por parte das ditaduras. E não só. Segundo as nossas investigações, desenvolvido o governo fascista de Benito Mussolini, na metade dos anos '20, muitos políticos e intelectuais italianos de esquerda, incluindo aqueles já mencionados, conseguem fugir e emigrar para America²⁰. E logo, i «fuoriusciti», desembarcados no Brasil, formam grupos antifascistas, antes representados pelos socialistas, depois também pelos grupos procedentes de ideologias diversas como os anarquistas, os republicanos e os comunistas porque a despeito das diferenças, como

¹⁶ Ver a obra editada ao cuidado de Associazione Italiana Combattenti Volontari Antifascisti em Espanha (AICVAS), *La Spagna nel nostro cuore, 1936 – 1939. Tre anni di storia da non dimenticare*, Roma, p. 68.

¹⁷ Ver, pelo menos para um quadro parcial,

http://beniculturali.ilc.cnr.it:8080/Isis/servlet/Isis?Conf=/usr/local/IsisGas/InsmlConf/Insml.sys6.file&Obj=@Insmlie.pft&O pt=search&Field0=zzZ56/00001/01/07/00001/000%20*%20cts=e

¹⁸ Ver o artigo do diário editado online, em

http://www.societacivilebologna.it/ser/almanacco/alta_ris/querradispagna.pdf

¹⁹ Ver B. CROCE, *Aspectos Moraes da Vida Política*, Athena, Rio de Janeiro, 1935, p.5 (*Nota do autor para a edição brasileira*). Para ulteriores referências biográficas sobre Enzo Petraccone, *La Basilicata nel Mondo (1924-1927)*, em <http://www.basilicata.cc/chiese/muro/Tscritto/petraccone.htm>

²⁰ Ver J.F. BERTONHA, *O antifascismo no mundo da diáspora italiana: elementos para uma análise comparativa a partir do caso brasileiro*, em

http://www.altreitalie.it/Pubblicazioni/Rivista/Numeri_Arretrati/N_17/Altreitalie_17_GennaioGiugno_1998.kl



UNIVERSITÀ DI PISA



sublinhava Libero Battistelli, «o movimento antifascista não se verificou no nosso campo nenhum dissídio de carácter político. Republicanos, como eu, socialistas de todas as gradações, filo comunistas, anarquistas, todos os antifascistas de esquerda seguiam fraternamente a batalha comum²¹». A propaganda antifascista divulga-se também graças à publicação dos jornais, entre os quais recordamos *La Difesa* fundado em São Paulo em 1923 pelo socialista moderado Antonio Piccarolo e *Italia Libera*, fundado por Pasquale Petraccone.

Inicialmente a questão do fascismo no Brasil è vista como qualquer coisa que há de ser resolvido entre italianos. Mas a partir dos anos '30, em particular após 1932, com a criação do Integralismo, também a esquerda brasileira começa a fazer parte do movimento, constituindo, entre 1933 e 1934, organismos e associações antifascistas, como por exemplo «Frente Única Antifascista» (FUA) e «Aliança Nacional Libertadora» (ANL).

Entretanto e particularmente depois da chegada do consul Serafino Mazzolini em São Paulo em 1928, outras figuras, aquelas favoráveis ao regime fascista italiano, ditas «fasci all'estero» e «Dopolavoro», transferem-se no Brasil com o propósito de controlar a assim designada «colônia italiana²²».

Detendo-nos por fim sobre uma análise de tipo linguístico, podemos afirmar que a tradução não apresenta refazimentos respeito à obra original, pois se deduz uma ausência de censura. O objetivo de Croce era de facto difundir uma mensagem precisa que se tivesse sido modificada, então a obra não teria tido sentido de existir noutra língua.

Raras são as diferenças entre a obra original e aquela traduzida e interessam só o aspeto estilístico: os textos divergem, por exemplo, na pontuação (-p. 42, «e col trattare i problemi economici della vita sociale sempre in rapporto a *questo. Il quale* aborre dalla regolamentazione [...]»; nella versione brasiliana invece la pausa non è lunga ma segnata dalla virgola, -p. 50, «e desde que se tratem os problemas economicos da vida social sempre em relação *ao ultimo, o qual* tem aversão pela regulamentação [...]»); as datas escritas em letras e algarismos romanos (-p. 64, «e quello della Chiesa nel sei e settecento»; -p. 72, «e o da Igreja nos siculo XVI e XVII»); enfim, na obra cuidada pela editora carioca, arrola-se a tendência a ressaltar e repetir o sujeito (-p. 42, «Ma non può accettare»; -p. 50, «Mas *o liberalismo ethico* não pode aceitar»).

Mas um aspeto põe em comum os dois exemplares: obviamente ambos referem características consideradas hoje em dia obsoletas. Croce utiliza termos como «formola», «cotesto» e «d'uopo»; pelo contrário a versão brasileira distingue-se pelo uso do já velho acordo ortográfico.

Concluindo pode-se dizer que estes últimos elementos tomados em consideração não deveriam, para nós, em caso de restampa da obra e em particular da reimpressão brasileira, ser atualizada segundo as novas regras de transcrição dado que tiraria uma peculiaridade histórica-linguística, características desenvolvidas juntos aos conteúdos económicos e filosóficos.

²¹ Ver J.F. BERTONHA, *Um antifascista controverso: Francesco Frola*, em <http://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/rhs/article/view/491>

²² Cfr. J.F. BERTONHA, *O partido comunista d'Italia no Brasil e as lutas antifascistas italianas na América Latina*, in <http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/novosrumos/article/view/2172/1797>



UNIVERSITÀ DI PISA



BIBLIOGRAFIA

- AICVAS, *La Spagna nel nostro cuore, 1936 – 1939. Tre anni di storia da non dimenticare*, Roma.
- CROCE BENEDETTO, *Aspetti Morali della Vita Politica: appendice agli elementi di politica*, Laterza & Figli, Bari, 1928.
- CROCE BENEDETTO, *Aspectos Moraes da Vida Politica*, Athena, Rio de Janeiro, 1935.
- CROCE BENEDETTO e EINÀUDI LUIGI, *Liberismo e Liberalismo*, ao cuidado de Paolo Solari, Riccardo Ricciardi, Nápoles, 1957.
- ENCICLOPEDIA TRECCANI, vozes *Benedetto Croce e Luigi Einàudi*, *Lessico universale italiano*, Vol. 5, Arti Grafiche Marchesi, Roma, 1970.

SÍTIOGRAFIA

- *Basilicata nel Mondo (1924-1927)*:
«<http://www.basilicata.cc/chiese/muro/Tscritto/petraccone.htm>»
- BATTISTELLI LIBERO:
«http://beniculturali.ilc.cnr.it:8080/Isis/servlet/Isis?Conf=/usr/local/IsisGas/InsmliConf/Insmli.sys6.file&Obj=@Insmli.pft&Opt=search&Field0=zzZ56/00001/01/07/00001/000%20*%20cts=e»
«http://www.societacivilebologna.it/ser/almanacco/alta_ris/querradispagna.pdf»
- BERTONHA JOÃO FÁBIO, *O antifascismo no mundo da diaspóra italiana: elementos para uma análise comparativa a partir do caso brasileiro*:
«http://www.altreitalie.it/Pubblicazioni/Rivista/Numeri_Arretrati/N_17/Altreitalie_17_Gennaio_Giugno_1998.kl»
- BERTONHA JOÃO FÁBIO, *O partido comunista d'Italia no Brasil e as lutas antifascistas italianas na América Latina*:
«<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/novosrumos/article/view/2172/1797>»
- BERTONHA JOÃO FÁBIO, *Um antifascista controverso: Francesco Frola*:
«<http://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/rhs/article/view/491>»



UNIVERSITÀ DI PISA



- BOTTMANN DENISE, *Uma vinheta*:
«<http://seer.bce.unb.br/index.php/traduzires/article/view/8048/6118>»